

Apresentação

Ao propormos, nesta edição da Revista *Organon*, a temática *Literatura e Outras Linguagens*, situamos a discussão na bifurcação entre as relações da literatura com as várias formas de manifestações artísticas, discursivas e culturais e entre a literatura em relação consigo mesma, em seu fazer-se, entremeando-se com outras linguagens, formando textos outros, exigindo do leitor um repertório de leitura para além da palavra e, paradoxalmente, desafiando o pesquisador a um esforço crítico-teórico para fora do seu campo. A proposta apresentou uma demanda inesperada, pois recebemos uma submissão expressiva de artigos, que excederam em quantidade o que a edição em papel pode comportar e em qualidade o que deveríamos incluir. Por isso, garantimos a publicação em versão virtual de todos os textos aprovados, ainda que, na forma impressa, constem apenas 17 artigos. Foi o modo que encontramos de publicar os artigos que não podíamos nem queríamos recusar.

Um acolhimento tão enfático de uma reflexão a respeito da *Literatura e Outras Linguagens*, ao mesmo tempo em que nos deixou felizes, nos trouxe problemas inéditos. Algo previsível, sendo a literatura, nos tempos que correm, uma instância metateórica, que se repensa constantemente e redefine tanto seus saberes quanto suas operações metodológicas. Neste sentido, o desdobramento da edição se justifica. Fizemos, portanto, a seleção do corpo “duro” e do que será somente virtual utilizando os critérios propostos pela ORGANON, em especial os que dizem respeito ao ineditismo das propostas e à formação e atuação, no campo comparatista, dos seus autores.

Foi uma tarefa complexa, que exigiu muita discussão e análise. Optamos por agrupar os textos em sequência de linguagens, iniciando pelos que exploraram a literatura e a música, a poesia, passando pelas relações com o cinema, o teatro e a própria cenografia do texto. Por fim, as aproximações com as outras artes e mídias e, entremeados, alguns artigos mais teóricos. Ainda que a Literatura Comparada se apresente como prática ou habilidade de colocar a Literatura e os seus Outros em enfrentamento e ou diálogo, tentamos abrir espaços para reflexões e contrapontos a respeito da própria área. Assim, surgem discussões com a filosofia, a política, a imagem, porque, igualmente, enquanto olhamos o Outro percebemos ou recebemos o olhar do Outro que nos olha e nos interroga.

Os textos vieram de vários lugares: da Europa, da América Latina, do Piauí, do interior do Paraná, do Rio de Janeiro e do Rio Grande do Sul, o que ajuda a fortalecer os estudos e os diálogos, a respeito da literatura e suas interfaces, que estão sendo realizados em diversas instituições. Por isso destacamos que, em sua maioria, são produções de professores. Assim, o artigo “O LIVRO DE CANTIGAS E O CANCIONEIRO DA AJUDA – o trovadorismo galego-português nos séculos XIII e XIV”, de José D’Assunção Barros, resgata a conexão inaugural da literatura com a música, a mesma que estará na base do diálogo entre o músico e o poeta do modernismo brasileiro, como é apresentado no artigo de Tiago Hermano Breunig, “H. J. KOELLREUTTER E MÁRIO DE ANDRADE: um contraponto”. Na sequência, o artigo “VICTOR GIUDICE E O RITMO IRRESISTÍVEL”, de Tereza Virginia de Almeida, apresenta importantes considerações sobre a exploração do ritmo na produção poético-musical, enquanto Maria Luiza Berwanger da Silva, em “POESIA BRASILEIRA CONTEMPORÂNEA, PAISAGEM E MEMÓRIA” trabalha com o espaço na poesia, em torno da noção “pensamento-paisagem”.

As reflexões sobre a estética e as tensões atuais dos estudos teóricos vêm amplamente expostas no artigo de Nancy Fernández, “LA COARTADA DE LA LITERATURA, ARTE, ESCRITURA Y ESTÉTICA DEL PRESENTE”, que passa em revista as produções literárias argentinas das últimas décadas. Em “O DIA DO JUÍZO OU O DESCOBRIMENTO DA ALMA - imagem e tempo em Mário de Andrade e

Giorgio Agamben”, Nilcéia Valdati traz à tona a noção de profanação elaborada pelo teórico italiano, montando um diálogo com Mário de Andrade a respeito da temporalidade das imagens e Larissa Costa da Mata, em seu “A BIBLIOTECA, A SOBREVIVÊNCIA E O SONAMBULISMO DA HISTÓRIA”, apresenta o arquiteto e pensador brasileiro Flávio de Carvalho às voltas com inúmeras disciplinas: a estética, a psicanálise, a antropologia, a literatura, além de assinalar sua proximidade com a antropologia social inglesa e com o método do historiador da arte Aby Warburg.

Em ‘PARANGOROMO’: interação entre Hélio Oiticica e Haroldo de Campos”, Marilene Nagle presenteia o leitor com uma leitura singular de dois grandes nomes da arte visual e literária, sublinhando os aspectos processuais que os unem, e Conceição Pereira, no artigo “ARTE FRAGMENTADA: A última obra prima de Aaron Sloboj”, enfatiza o caráter fragmentário tanto do texto quanto da imagem, refletindo sobre dois meios distintos: o texto e a ilustração. Já o artigo “LA PRESENCIA DE LA LITERATURA EN LA POIÉTICA DEL ARTE CONTEMPORÁNEO”, de Maria Cândida Ferreira de Almeida, aproxima-se da exposição de arte contemporânea “Habladores”, de 2013, em Bogotá, para pensar sobre as estreitas relações das artes visuais com a literatura.

Uma câmera cinematográfica nos leva a passeio, em “A FILOSOFIA DO SUSPENSE: diálogos estruturais entre Edgar Allan Poe e Alfred Hitchcock”, de Elaine Indrusiak, que aborda as relações entre a escrita e o filme de uma perspectiva mais formal, observando a eficácia dos truques e a intrincada tessitura de planos e narrativas nos dois suportes, enquanto José Bértolo, em “A VIDA DAS IMAGENS: *The fall of the house of Usher*, segundo Jean Epstein”, considera a adaptação do conto homônimo de Edgar Allan Poe, procurando averiguar a importância decisiva de Poe para a evolução de Epstein, como pensador e como cineasta. Também abordando os vínculos entre a literatura e o cinema, a partir da relação amigável entre o cineasta Silvio Caiozzi e o escritor José Donoso, o artigo “CAIOZZI TRAS LA HUELLA DE DONOSO: la plasmación del ambiente ajado en ‘Coronación’. Una revisión a las relaciones entre cine y literatura a partir de un caso chileno”, de Silvia Margarita Donoso, centra-se nos trânsitos entre uma novela de 1957 e um filme de 2000.

Em torno da multiplicidade e da história literária, Michael Korfmann e Raquel Meneguzzo, em “ENCENAÇÃO AUTORAL, TEXTUAL E SUA TRADUÇÃO: O aventureiro simplicissimus (1668/9) de Hans Jacob Christoffel Von Grimmesausen”, estudam a encenação autoral e textual, as rupturas irônicas com padrões de gênero tradicionais, os aspectos linguísticos e a riqueza do original recuperados na tradução ao português. Luís Francisco Wasilewski, em “O ESTUDO DA PARÓDIA EM BATALHA ARROZ NUM RINGUE PARA DOIS”, faz a leitura de um texto teatral da década de 1980, em suas relações com outras formas artísticas e, ainda, com a paródia e seus efeitos cômicos. Em “RELAÇÕES ENTRE LITERATURA E QUADRINHOS NO BRASIL: estudos de caso”, Ivan Lima Gomes e Ricardo Jorge de Lucena Lucas vão até o universo das HQs para mostrar ao leitor que a relação/interação entre essa narrativa e a narrativa literária não é inédita, e, por fim, no artigo “O PURO IMPURO. Variações sobre 'Meu nome é vermelho', de Orhan Pamuk”, Biagio D'Angelo dedica-se à leitura do livro do escritor turco em paralelo ao trabalho *Meu nome ainda é vermelho*, da artista visual Elida Tessler, entendido como um desdobramento, a partir das artes visuais, que coloca em pauta as possíveis relações entre as linguagens artísticas.

Além dos artigos, a Revista conta com uma **Seção Livre**, contendo a Entrevista de Lúcia Sá Rebelo com o pesquisador e professor da UFSC Raúl Antelo, intitulada “DA IMAGEM AO TEXTO, DO TEXTO À IMAGEM: Circulando sentidos”. A **Seção de Resenhas** contribui com a leitura crítica de um título importante: A resenha de Gabriela

Semensato Ferreira, intitulada “LINGUAGENS PROSTÉTICAS E DEAMBULAÇÕES”, trata da obra *Prosthesis* (1995), do comparatista David Wills, que explora as conexões entre linguagem e artifício, literatura e ciência.

Verifica-se, no conjunto de artigos aqui reunido, o quanto a intervenção revisionista da Literatura em seus entrecruzamentos com as outras artes e áreas do saber expõe a permeabilidade das fronteiras que definem e delimitam as práticas e as invenções humanas. No seu natural e inesgotável influxo interpretativo, opera tanto a expansão quanto a involução de seus meios expressivos para acolher o olhar e o dizer alheios.

Nossos agradecimentos dirigem-se aos tantos pareceristas que atenderam prontamente aos nossos convites, a todos os professores, pesquisadores e pós-graduandos, que enviaram seus artigos, à Maria Cristina Leandro Ferreira, nossa editora-chefe, que nos acompanhou nessa empreitada com alegria, paciência e palavras de incentivo e, particularmente, à Tanize e ao Leandro, pela dedicação e auxílio.

Elizamari Rodrigues Becker, Maria Salete Borba e
Rita Lenira de Freitas Bittencourt
As Organizadoras